

Diretor do BC diz que real está valorizado

■ Gustavo Franco afirma que país tem novo modelo de desenvolvimento e que câmbio não protegerá as indústrias ineficientes

SONIA JOIA

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC), Gustavo Franco, disse ontem que "não há defasagem, mas uma apreciação da taxa de câmbio. O preço do real subiu em relação ao dólar mas isso não significa que está caro". O diretor do BC encerrou ontem, no Rio, o XII Congresso Internacional da Federação Iberoamericana de Associações Financeiras.

O Plano Real representou, segundo ele, "uma revolução no modelo de desenvolvimento adotado pelo país e, com isso, o fim de uma taxa de câmbio do passado, destinada a proteger uma indústria sem competitividade internacional e um modelo concentrador de renda". Respondendo às críticas com relação aos déficits na balança comercial (importações superando exportações), o diretor do BC disse que "na década de 80, o superávit comercial precisava ser alto para compensar a fuga de capitais com a hiperinflação e a ausência de investimento estrangeiro".

À argumentação de que o capital estrangeiro entra no país hoje atraído pelas altas taxas de juros e que elas inibem o crescimento do país, Franco rebateu dizendo que os juros não estão altos para reprimir o consumo e frear as importações, mas para que o governo consiga financiar o buraco nas contas públicas. O fato do déficit ser agravado com a entrada de dólares (que são trocados por reais e estes por títulos da dívida para que não gerem inflação) foi minimizado por Franco: "A maior parte do déficit se deve à situação fiscal (despesas maiores que receitas)".

O economista Dionísio Dias Carneiro, da PUC-Rio, também rechaçou a idéia de defasagem cambial. Estimou que, no ano passado, havia um desequilíbrio em torno de 5%, mas que com a redução de custos e elevação da produtividade, ele é hoje provavelmente menor. Em sua análise, o verdadeiro teste na taxa de câmbio real será a retomada ou não do crescimento nos próximos 12



Jamil Bittar — 3/8/95

Frano: "Na década de 80, o superávit comercial precisava ser alto para compensar a fuga de capitais"

meses e o equilíbrio das contas externas.

Gustavo Franco confirmou que está sendo convocado, junto com o presidente do BC, Gustavo Loyola, a prestar esclarecimentos no Senado sobre a troca de títulos da dívida externa no valor de US\$ 57 bilhões — cerca de metade da dívida, que corresponde à parcela renegociada pelo Plano Brady. Qualquer operação relacionada à renegociação de dívida externa deve passar pela aprovação do Senado. O senador Roberto Requião (PMDB-PA) tem demonstrado inquietação pelo fato do BC estar propondo a troca dos títulos com deságio por outros com valo-

res e juros mais elevados, o que à primeira vista significa um prejuízo.

Frano disse que a operação trará vantagens para o governo brasileiro, assim como para os investidores, que hoje têm alguma dificuldade em negociar títulos com deságio porque "são vistos como moedas podres". "Isso foi feito pelo México. Trocamos, por exemplo, dois títulos de valor 50 e juro de 4% por um título de valor 100 e juro de 8%. Mas, como isso é do interesse dos investidores, a troca poderia ser na proporção de dois títulos por 0,8 e não de dois por um. Ganharíamos na quantidade", afirmou.

□ A Comissão de Assuntos Econômicos do Senado decidiu convidar o economista Rudiger Dornbusch para fazer uma exposição sobre os riscos de colapso do Plano Real. Ex-assessor do presidente americano Bill Clinton, Dornbusch tem afirmado, com frequência, que o governo brasileiro poderá lançar o país em uma grave crise se insistir na excessiva valorização do real e manter baixo o índice de crescimento econômico. Os últimos comentários de Dornbusch sobre os problemas econômicos brasileiros, feitos em conferência com empresários na Austrália, causaram uma forte reação no governo e no Congresso.